

INTERFACE ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E NEURODIVERSIDADE: O FENÔMENO DA CODA SILÁBICA NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM TEA

INTERFACES BETWEEN SOCIOLINGUISTICS AND NEURODIVERSITY: THE PHENOMENON OF THE SYLLABIC CODA IN THE LITERACY OF STUDENTS WITH ASD

Maria Cecília de Magalhães Mollica¹, Luana da Conceição Pedro²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RIO DE JANEIRO RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>
ceciliamollica@terra.com.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RIO DE JANEIRO RJ, Brasil
<https://orcid.org/0009-0007-8744-6679>
dcpluana@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este artigo analisa a interface entre fala e escrita no processo de alfabetização de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sob a óptica da Sociolinguística em articulação com a Fonoaudiologia Educacional e a Cognição. O foco da investigação recai sobre a representação ortográfica das codas silábicas, especificamente os arquifonemas róticos, sibilantes e o traço de nasalidade, observando de que modo a variação ordenada da oralidade urbana e periférica impacta o registro gráfico de aprendizes em diferentes níveis de verbalidade. A metodologia de natureza qualitativa consistiu na análise de um corpus de produções escritas eliciadas de seis sujeitos, com idade entre 8 e 10 anos, acompanhados em ambiente clínico no Rio de Janeiro. Os resultados revelam que o apagamento de travadores silábicos na escrita é condicionado por variáveis estruturais, como a posição da coda em sílaba medial versus final e a extensão do vocábulo, além de mostrar-se sensível ao grau de verbalidade dos participantes do estudo. Conclui-se que as produções grafêmicas divergentes na neurodiversidade refletem padrões sistemáticos da gramática de uso e da frequência do input, evidenciando a necessidade de implementar-se uma prática pedagógica que integre consciência fonológica e reconhecimento da heterogeneidade dialetal no processo de inclusão escolar.

Palavras-chave: Sociolinguística; Transtorno do Espectro Autista; Alfabetização; Coda Silábica; Fonoaudiologia Educacional.

Abstract: This article analyzes the interface between speech and writing in the literacy process of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), from the perspective of Sociolinguistics in conjunction with Educational Speech-Language Pathology and Cognition. The focus of the investigation lies on the orthographic representation of syllable codas, specifically rhotic and sibilant archiphonemes and the nasality feature, observing how the ordered variation of urban and peripheral speech impacts the graphic record of learners at different levels of verballity. The qualitative methodology consisted of analyzing a corpus of written productions elicited from six subjects, aged between 8 and 10 years, followed in a clinical setting in Rio de Janeiro. The results reveal that the deletion of syllable-final consonants in writing is conditioned by structural variables, such as the position of the coda in medial versus final syllable and word length, in addition to being sensitive to the participants' degree of verballity. It is concluded that divergent graphemic productions within neurodiversity reflect systematic patterns of usage-based grammar and input frequency, highlighting the need to implement a pedagogical practice that integrates phonological awareness and the recognition of dialectal heterogeneity within the school inclusion process.

Keywords: Sociolinguistics; Autism Spectrum Disorder; Literacy; Syllable Coda; Educational Speech-Language Pathology.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.
Paulo Freire

INTRODUÇÃO

A alfabetização no Brasil constitui um campo de desafios, especialmente quando se intersecta com a neurodiversidade, como no caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tradicionalmente, as flutuações ortográficas de alunos atípicos foram interpretadas sob uma lente puramente clínica ou patologizante, que enxerga o desvio como déficit cognitivo isolado. Contudo, este estudo propõe uma mudança de paradigma ao adotar perspectiva sociolinguística (Labov, 2008 [1972]) como instrumento de análise de correlação de variáveis num número pequeno de dados de escrita. Partimos do princípio de que a escrita desses aprendizes não se desenvolve de forma assistemática, mas revela uma variação condicionada por restrições estruturais da própria língua e por pressão da oralidade. Sob essa ótica, o foco da presente investigação recai sobre o travamento silábico em posição de coda, especificamente os arquifonemas róticos /R/, sibilantes /S/ e o traço de nasalidade, na produção escrita de sujeitos/TEA com diferentes níveis de verbalidade, inseridos no contexto dialetal da Baixada Fluminense.

No Português Brasileiro (PB), e na grande maioria das línguas conhecidas no mundo, a sílaba canônica segue o padrão Consoante-Vogal (CV). A presença da consoante em coda, configurando a estrutura Consoante-Vogal-Consoante (CVC), aumenta sensivelmente a complexidade fonológica do vocábulo, tornando o segmento suscetível a processos de apagamento na fala, fenômeno que se projeta sistematicamente na escrita inicial de falantes típicos e atípicos. Essa dinâmica se materializa nos dados coletados nesta pesquisa, tais como o apagamento do rótico em coda final ou apócope, exemplificado em *comer* grafado como *comê*, e em coda medial, verificado em *árvore* registrado como *avore*. Da mesma forma, observa-se o apagamento da sibilante em coda final, como na grafia de *tênis* para *teni*, e a desnasalização em coda final, identificada na redução de *viagem* para *viage/viagi*.

Tais registros escritos refletem que o apagamento da coda (como no /R/ de *comer* -> *comê*) é um fenômeno geral do Português Brasileiro e não exclusivo de uma só região. No TEA, essas realizações gráficas atípicas evidenciam uma

gramática mental que processa a saliência fônica de forma fidedigna, pois o que se apresenta com menor nitidez acústica na fala tende a sofrer supressão no registro escrito. Para compreender a natureza desse comportamento, torna-se necessário investigar o estilo cognitivo no autismo, frequentemente associado à tendência ao processamento local em detrimento da coerência central (Tager-Flusberg, 2023). Tal configuração cognitiva esclarece as razões pelas quais o aprendiz no espectro pode se mostrar muito habilidoso na decodificação de grafemas e fonemas isolados, mas apresentar dificuldades na integração e coerência global do texto.

O presente artigo resulta de um recorte da pesquisa de mestrado intitulada "Travadores Silábicos na Escrita de Falantes com Atipicidade", desenvolvida por Luana Pedro (2025), no âmbito do Programa de Linguística da UFRJ, que investigou empiricamente como esses processos fonológicos variáveis manifestam-se na escrita de crianças autistas. Os resultados obtidos por Pedro (2025) apontam que a influência da língua oral sobre a escrita é sistemática e previsível e projeta-se num contínuo de realizações, no qual o índice de apagamentos grafêmicos se mostra inversamente proporcional ao grau de verbalização. Constatou-se que crianças pouco verbais omitem a coda, mas isso faz parte de um quadro geral de omissões na escrita, já que elas tendem a omitir outros pedaços das palavras também, fato que reflete ausência desses sons na gramática desses falantes. Tal evidência empírica reforça a necessidade de propostas pedagógicas baseadas no desenvolvimento da consciência fonológica e na colaboração interprofissional entre a Fonoaudiologia Educacional e a Pedagogia, de modo a promover uma alfabetização que acolha as singularidades do neurodesenvolvimento.

1. OBJETIVOS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Diante desse cenário delineado pela pesquisa de origem, o objetivo geral deste artigo é analisar como as variáveis estruturais e os diferentes graus de verbalidade condicionam a representação ortográfica das codas silábicas em sujeitos com TEA. Hipotetizamos que a escrita desses indivíduos reflete padrões de variação ordenados do PB, atuando a verbalidade como condicionador extralinguístico relevante. Ademais, pressupõe-se que a falta de estímulo auditivo/fala dificulta a escrita do autista. Cabe ponderar se a alfabetização nesses casos de baixa verbalidade não se

aproxima do aprendizado de uma segunda língua (L2), a exemplo do que ocorre na alfabetização de pessoas surdas, deixando o léxico mental mais exposto à frequência da oralidade.

A literatura sociolinguística clássica (Callou; Leite; Farias, 2015) demonstra de forma robusta que a coda se configura como a posição de maior instabilidade na cadeia falada, já que as sílabas átonas sofrem mais apagamento em geral, exceto no caso do arquifonema /R/, cujo apagamento é massivo em sílabas finais tônicas, nos infinitivos verbais).

A queda do /R/ final nos infinitivos é uma característica do Português Brasileiro em geral, tanto na fala urbana quanto na periférica, o rótico assume realizações predominantemente fricativas, e sua manutenção na oralidade é altamente variável, sobretudo em contextos de infinitivos verbais. O aprendiz de escrita tende a espelhar no registro gráfico aquilo que se apresenta como foneticamente nulo ou semanticamente atenuado em sua gramática de uso, conforme postula a literatura sobre o espelhamento da fala na escrita (Mollica, 2016). Sob essa mesma lógica, o cancelamento da sibilante final associado à marcação de plural nominal e a desnasalização em finais de vocábulos constituem variantes sistemáticas da língua viva. Para o aluno com TEA investigado neste estudo — crianças de 8 a 10 anos, contudo, essa transposição da oralidade para a grafia ganha contornos de literalidade devido ao estilo cognitivo focado no detalhe fonético e estatístico, demandando que a agência escolar atue de maneira estratégica na transição entre a cultura puramente oral e a cultura letrada (Bortoni-Ricardo, 2025).

Para apreender o fenômeno na interface entre variação linguística e neurodiversidade, este estudo adota abordagem qualitativa, estruturada por meio de casos clínicos e fundamentada em pressupostos sociolinguísticos (Labov, 2008 [1972]).

2. ARQUITETURA DE PESQUISA

A investigação focalizou as produções escritas de seis sujeitos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, com idades compreendidas entre 8 e 10 anos, acompanhados em uma clínica especializada na cidade do Rio de Janeiro. Os participantes incluídos na pesquisa apresentam diagnósticos previamente

estabelecidos por equipes multidisciplinares, o que viabilizou o direcionamento estrito das análises para aspectos fono-ortográficos.

O teste aplicado a crianças com TEA consistia em completar lacunas em palavras a partir de imagens. O objetivo da análise consistiu em verificar a presença ou a ausência do grafema correspondente ao segmento em coda silábica na fala com vistas à identificação de possíveis relações entre fala e escrita. Buscou-se ainda examinar o efeito de fatores linguísticos em relação à presença/ ausência de representação gráfica do segmento nas produções analisadas. (Pedro, 2026)

Dadas as especificidades interacionais intrínsecas ao TEA, a pesquisa não buscou delimitar uma amostra representativa de uma comunidade de fala nos moldes tradicionais da sociolinguística, mas compreender os modos pelos quais a atipicidade individual e o processamento cognitivo interagem com as normas e as variantes da língua em uso. Sendo assim, adotou-se o estudo de caso como orientação metodológica, nos termos de Yin (2015), cujo foco é o aprofundamento na descrição de padrões, que possam constituir hipóteses para estudos posteriores representativos de uma dada comunidade. Com essa finalidade, os sujeitos foram categorizados de acordo com os respectivos níveis de verbalidade, estabelecendo-se um contínuo que abrange indivíduos verbais (+V: S3, S4), indivíduos com verbalidade intermediária (+/-V: S2, S5) e sujeitos pouco ou não verbais (-V: S1, S6).

Para a constituição do *corpus*, optou-se pela técnica de escrita eliciada por meio de apoio visual com base em imagens específicas. Essa escolha metodológica revelou-se estratégica para neutralizar possíveis vieses de indução fonética por parte do aplicador, garantindo que o registro ortográfico configurasse uma resposta fidedigna ao léxico mental e às representações fonológicas armazenadas pelo sujeito, e não uma repetição imediata do estímulo auditivo oferecido no momento do exame. O experimento controlou variáveis linguísticas estruturais como a extensão do vocábulo, a tonicidade e o contexto silábico imediato, direcionando o escopo investigativo de forma específica para as realizações do rótico em codas mediais e finais, da sibilância e da nasalidade.

3. ANÁLISE

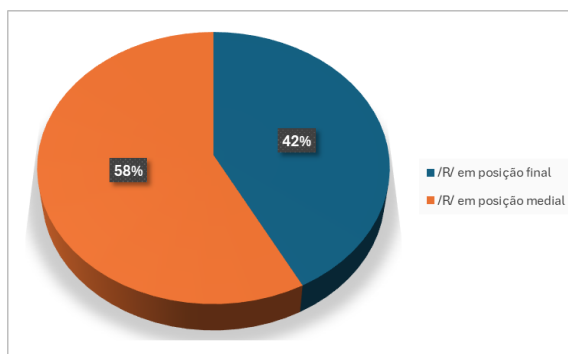
A análise das produções escritas de S1 a S6 (Figuras 4 a 9) sugerem, no escopo dos 6 dados analisados nesta amostra, que a atipicidade inerente ao TEA não implica caos linguístico ou produções assistemáticas. Observamos que as realizações ortográficas divergentes são governadas por hierarquias fonológicas e restrições de processamento cognitivo que guardam estreita paridade com processos variáveis da fala. Seguindo os resultados em Mollica (2003), ficou confirmado que o apagamento da vibrante /R/ é estatisticamente superior em finais de vocábulos e em itens lexicais de maior extensão, contextos nos quais o custo computacional do processamento fonológico é mais alto para o sujeito atípico, sobrecarregando o processamento linguístico (Ney; Hubner, 2022a).

No que tange à vibrante, evidenciamos maior estabilidade na coda medial em detrimento da final. Tomando como exemplo o Sujeito 2 (+/-V), observamos índice de acerto de 83% em coda medial *árvore*, que recua para 50% na posição final *super*. Essa flutuação encontra explicação no dialeto carioca, já que o /R/ medial possui percepção auditiva e estabilidade articulatória mais preservadas do que o final, que caminha para o apagamento em processos de mudança em curso, como mapeado localmente por Gregório (2026). Para o aprendiz atípico, a fragilidade do som na oralidade atua como preditor do apagamento grafêmico, atingindo o ápice nos sujeitos pouco verbais (-V), como S1 e S6, nos quais o cancelamento do rótico é total, refletindo diretamente as barreiras de expressão e a redução de estímulos descritas na literatura clínica para esses níveis de funcionalidade (Tager-Flusberg, 2023).

O gráfico 1 indica que a representação da vibrante /R/ foi mais frequente em posição medial do que em posição final de sílaba.

Figura 1

Índice de representação do fonema /R/ como travador silábico de acordo com a posição na palavra

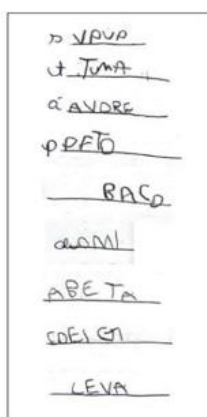


Fonte: Pedro (2025)

Apresentam-se, a seguir, os resultados referentes ao sujeito 1.

Figura 2

Sujeito 1 - 8 anos, 3º ano escolar



Fonte: Pedro (2025)

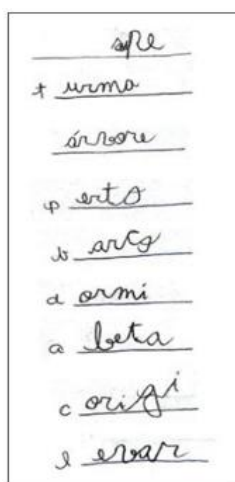
O sujeito 1 (-V, menos verbal), com 8 anos e matriculado no 3º ano escolar, apresentou dificuldades ortográficas significativas na escrita. Observou-se o cancelamento da vibrante /R/ em posição medial e final em todos os vocábulos analisados. Na escrita, o sujeito 1 omitiu o grafema correspondente em todas as palavras com /R/ medial e final, além de produzir registros incompreensíveis, como

supup e *coeigi*, evidenciando dificuldades na representação ortográfica de travadores silábicos

Vejam-se os resultados relativos ao sujeito 2:

Figura 3

Sujeito 2 - 8 anos, 3º ano escolar



Fonte: Pedro (2025)

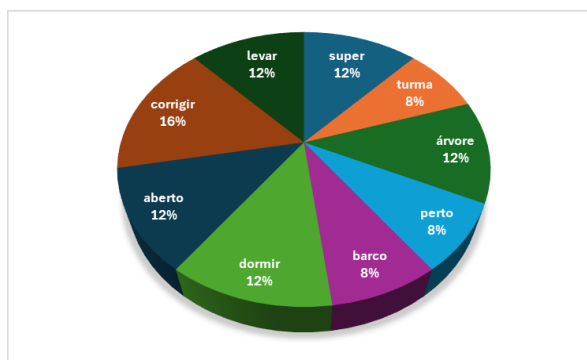
O sujeito 2 (+V, mais verbal), também com 8 anos e no 3º ano escolar, representou a vibrante /R/ na maioria das palavras, embora tenha apresentado omissões em *abeta*, *dormi* e *supe*. Ele representou corretamente duas das quatro palavras com /R/ em posição final (50%) e cinco das seis palavras com /R/ em posição medial (83%), demonstrando melhor desempenho que o sujeito 1, mas ainda com domínio parcial das convenções ortográficas.

Considerando o índice de representação do fonema /R/ como travador silábico em cada vocábulo analisado, apresenta-se, no Gráfico 2, a distribuição das ocorrências de registro desse segmento pelos participantes da pesquisa. A discrepância entre os vocábulos é detalhada no Gráfico 2, onde o item *corrigir* apresenta maior índice de apagamento (4 ocorrências). Este dado é revelador, porque a forma verbal de infinitivo, somada à baixa saliência fônica da vogal alta /i/, torna o travador silábico quase imperceptível na fala. Conforme (Callou; Leite; Farias, 2015), a apócope em verbos constitui processo de mudança consolidada no PB, e a ausência

do traço fônico como desencadeadora de flutuações gráficas é esperada, o que desestimula o registro ortográfico em aprendentes que processam o *input* de maneira estatística devido às restrições do neurodesenvolvimento (Ney; Hubner, 2022b).

Figura 4

Índice de representação do fonema /R/ como travador silábico em cada palavra

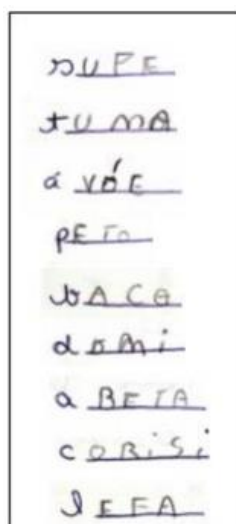


Fonte: Pedro (2025)

Observem-se os resultados relativos ao sujeito 6 para a coda /R/.

Figura 5

Sujeito 6 - 10 anos, 5º escolar



Fonte: Pedro (2025)

O sujeito 6 (-V, menos verbal), com 10 anos e matriculado no 5º ano escolar, apresentou dificuldades na representação do fonema /R/ em coda silábica, não registrando o grafema correspondente em nenhuma palavra com ocorrência do segmento em posição medial ou final. Também foram observadas substituições e omissões de letras, como em *avóe* (árvore) e *lefa* (levar), indicando dificuldades ortográficas e possíveis trocas fonêmicas, além da ausência sistemática do /R/ em coda silábica.

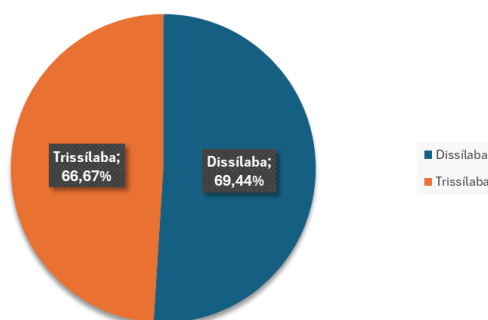
Neste ponto da análise, impõe-se uma reflexão de natureza teórica e interpretativa. Embora a sistematicidade das realizações ortográficas divergentes em sujeitos TEA guarde semelhanças com a variação observada em sujeitos típicos, a natureza do processamento cognitivo no espectro demanda cautela.

A investigação focalizou também o fenômeno de destravamento da nasal e da sibilante. Os dados consolidados nos Gráficos 3 e 4 corroboram a hipótese de que a extensão do item lexical atua como fator restritivo, pois as palavras trissílabas apresentaram índice de apagamento superior às dissílabas (33% contra 30,5%), ratificando que restrições estruturais operam na ordenação dos dados variados (Callou; Leite; Farias, 2015). No espectro autista, a carga da memória de trabalho dificulta a recuperação de segmentos em cadeias longas. Contudo, observamos um progresso metalinguístico relevante em sujeitos como S2 (+V, mais verbal), e S5 (nível intermediário de verbalidade). Note-se que, ao substituírem a convenção por formas como *homen*, o aprendiz demonstra que já percebe o traço de nasalidade em seu léxico mental, embora ainda não tenha consolidado a norma ortográfica arbitrária, revelando o funcionamento dinâmico de sua gramática de uso (Mollica, 2007).

Vejam-se a seguir os percentuais no gráfico 3 relacionados à representação fono-ortográfica dos travadores /S/ e traço de nasalidade.

Figura 6

Índice de representação dos fonemas /s/ e traço de nasalidade como travador silábico



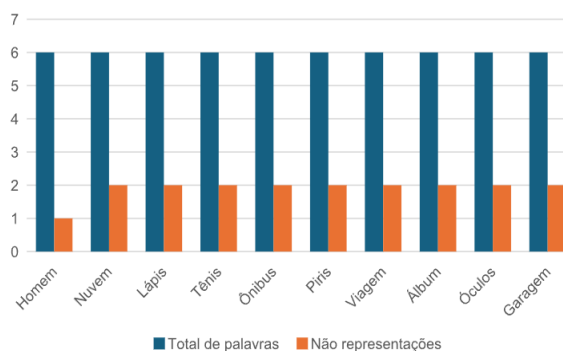
Fonte: Pedro (2025)

Conforme apresentado no Gráfico 3, há uma leve tendência, embora numericamente aproximada na amostra. Entre as 36 palavras dissílabas analisadas, 11 (30,5%) não apresentaram registro dos fonemas travadores, enquanto, das 24 palavras trissílabas, 8 (33%) não exibiram representação do segmento em coda silábica. Esses resultados indicam que o aumento da extensão da palavra está associado a maiores dificuldades na recuperação dos segmentos /s/ e /m/ como travadores silábicos.

O Gráfico 4 demonstra que a palavra *homem* apresentou o maior índice de representação do fonema /m/ em posição de coda silábica quando comparada aos demais vocábulos do protocolo. Em relação às palavras *nuvem*, *viagem*, *álbum* e *garagem*, os resultados sugerem que o item lexical *homem* pode ser mais familiar aos participantes, favorecendo a recuperação e o registro do travador silábico na escrita.

Figura 7

Índice de representação dos fonemas /m/ e /s/ como travador silábico considerando grau de intimidade com o vocábulo

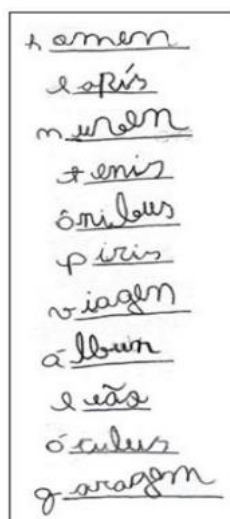


Fonte: Pedro (2025)

Na sequência, apresentam-se os resultados referentes ao sujeito 2.

Figura 8

Sujeito 2 - 8 anos; 3º ano escolar



Fonte: Pedro (2025)

O sujeito 2 (+V, mais verbal), representou os fonemas /m/ e /s/ em todas as palavras analisadas. Contudo, apresentou dificuldades relacionadas à grafia do traço

de nasalidade em posição pós-vocálica, registrando formas como *homen*, *nuven*, *viagen* e *albon*, o que indica domínio ainda parcial das convenções ortográficas. Além disso, observou-se influência da oralidade na escrita de palavras como *oculus* e *piris*, evidenciando apoio na percepção fonológica em detrimento da forma ortográfica convencional. Desvios como a troca de *m* por *n* final ou *o* por *u* refletem o desenvolvimento ortográfico infantil geral, não devendo ser atribuídos exclusivamente ao autismo.

A imagem a seguir apresenta os resultados obtidos pelo sujeito 4.

Figura 9

Sujeito 4 - 8 anos; 3º ano escolar



Fonte: Pedro (2025)

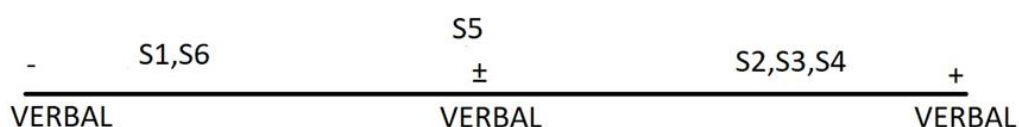
O sujeito 4 (+V, mais verbal), com 8 anos e matriculado no 3º ano escolar, representou os fonemas /m/ e /s/ em sua escrita, mas apresentou substituições da letra por palavras como *nuven*, *viagen* e *garagen*. Também realizou a troca da vogal *u* por *o* em *álbon* (álbum). Esses registros evidenciam influência da oralidade na escrita e domínio ainda parcial das convenções ortográficas. Erros como a substituição de *m* por *n* em posição final ou de *o* por *u* são compatíveis com o processo geral de desenvolvimento da escrita infantil, não sendo, portanto, necessariamente relacionados às características do autismo.

Essa dinâmica revela que a verbalidade é o fiel da balança no sucesso da alfabetização. Enquanto sujeitos +V (S3, S4) demonstram domínio das codas ao se apoiarem em léxico robusto que favorece a rota visual, os sujeitos -V (S1, S6) enfrentam uma barreira que transcende a norma. A ininteligibilidade na fala e a ausência de um estímulo auditivo estável, que se refletem em registros como *supup* e *lefa*, comprometem a própria segmentação fonêmica, o que evidencia as dificuldades na integração fonológica em estruturas complexas descritas para esses níveis de funcionalidade (Tager-Flusberg, 2023). A dificuldade não é de mera memorização, mas de lacuna na percepção da estrutura. A correlação entre *silêncio da fala* e *vazio na escrita* reforça a necessidade de abordagens que privilegiem as atividades de consciência fonológica como ferramenta de mediação e suporte neurodesenvolvimental no TEA (Mousinho; Schmid, 2022).

Na sequência, apresentamos os indivíduos de acordo com o contínuo de traços:

Figura 10

Indivíduos testados de acordo com o contínuo de traços



S = SUJEITO

Fonte: Pedro (2025)

O *Contínuo de Traços* (cf. Figura 10) funciona como síntese teórica da análise, permitindo visualizar que a aquisição da escrita no TEA não ocorre de forma binária, entre o saber e o não saber, mas como gradiente de desenvolvimento mediado pela oralidade.

A lógica do contínuo baseia-se na ideia de que a competência ortográfica é diretamente proporcional à estabilidade do estímulo sonoro, conforme apontam

discussões sobre processamento de linguagem no espectro (Ney; Hubner, 2022b). No extremo esquerdo, que classificamos como polo de resistência máxima, situam-se os sujeitos pouco ou não verbais (S1 e S6). Nesses casos, a ausência de âncora fonológica estável na fala, associada a barreiras severas na expressão verbal (Tager-Flusberg, 2023), impede a fixação do grafema, porque o silêncio ou ininteligibilidade da oralidade reflete-se em vazio representacional gráfico com travadores silábicos sistematicamente omitidos.

No centro do espectro, localizamos a *zona de transição*, representada pelos sujeitos intermediários (S2 e S5). Esse estágio é caracterizado por instabilidade ordenada, uma vez que o aluno já demonstra percepção metalinguística ao recuperar o travador em ambientes de saliência, como a coda medial ou em palavras conhecidas, mas permanece a pressão da fala variável em zonas de menor saliência, como a coda final.

No extremo direito do *continuum*, encontramos o *polo de domínio*, onde se posicionam os sujeitos verbais (S3 e S4). Nesse ponto, tanto a fluência oral quanto a posse do léxico funcionam como facilitador para a rota visual e lexical, permitindo que o sujeito neutralize a pressão das variantes apagadas da fala e consolide a convenção ortográfica. Desta feita, a alfabetização no TEA demanda abordagem que considere atividade de consciência fonológica como ferramenta de mediação entre variação linguística e estabilidade da escrita, alinhando-se a estratégias que integrem letramento e aportes do neurodesenvolvimento (Mousinho; Schmid, 2022).

A análise das evidências coletadas revela que o desempenho dos sujeitos TEA guarda paridade com o comportamento de escolares típicos, uma vez que as restrições fonológicas e morfológicas operam de forma análoga em ambos os grupos. A proeminência da saliência fônica constitui variável soberana nessa dinâmica, haja vista que os contextos de primeira, segunda e terceira conjugação apresentam distinções de apagamento que refletem a instabilidade do registro no infinitivo.

A correlação entre o grau de estabilidade da variante na fala e sua mutabilidade na escrita é direta. No dialeto local, o *input* de cancelamento do rótico em coda de infinitivos atinge índices massivos, o que chancela a baixa percepção acústica do segmento. Essa fragilidade do dado de entrada compromete a estabilidade da representação ortográfica de maneira generalizada.

Entretanto, as realizações gráficas divergentes não ocorrem de maneira aleatória, sendo condicionadas por uma hierarquia de fatores internos (Callou; Leite; Farias, 2015). A posição da sílaba, seja ela medial ou final, e a categoria morfológica, contrastando formas verbais e não verbais, estabelecem zonas de maior ou menor resistência ao apagamento. Observa-se que o travador silábico em posição medial usufrui de maior estabilidade perceptiva, enquanto em posição final, especialmente em molduras verbais, atua como contexto de vulnerabilidade. A esse quadro soma-se a relevância da familiaridade com o vocábulo (Mollica, 2003): itens lexicais com alta frequência no universo da criança e suporte visual consolidado tendem a ser mais preservados na escrita. Isso sugere que a rota lexical pode atuar como mecanismo de compensação para a opacidade da rota fonológica.

Do ponto de vista dialetal, é preciso destacar que a pressão do apagamento observada nesta amostra é sensível à realização fonética regional (Da Hora, 2004). Em dialetos com realizações apicais e anteriorizadas do rótico, ou naqueles caracterizados pelo retroflexo, bem como nas realizações vibrantes do Sul do Brasil, o fenômeno do cancelamento tende a exercer impacto menor na alfabetização, dada a maior saliência fônica do segmento nessas regiões. No contexto analisado, contudo, a convergência entre baixa visibilidade do traço no dialeto fluminense e estilo cognitivo no autismo, marcado por particularidades na cognição social e no processamento detalhado descritos pelas ciências cognitivas (Baron-Cohen, 2017), resulta em índices de omissão grafêmica mais acentuados nos itens de maior extensão.

Sem o direcionamento para os fatores de prestígio social, os indivíduos com TEA estruturam o léxico de forma adstrita às frequências físicas da fala do entorno, caracterizada pelo enfraquecimento de segmentos sonoros. Assim, o registro escrito divergente evidencia uma percepção socialmente desprotegida, em conformidade com os dados de percepção propostos por Brescancini (2009). Em vez de lacunas cognitivas ou incapacidades pedagógicas isoladas, o sistema linguístico opera nos moldes da experiência auditiva, que ignora a norma ortográfica idealizada em favor da realidade dialetal da comunidade de fala.

4. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação acerca do travamento silábico em posição de coda revela que a relação entre fala e escrita no Transtorno do Espectro Autista é estruturalmente condicionada pelas dinâmicas da variação linguística. Os resultados obtidos refutam categoricamente a ideia do caos cognitivo ou da incapacidade crônica de codificação ortográfica por parte do aluno atípico. Os dados demonstram a existência de variação ordenada, que opera sob as mesmas restrições fonotáticas e dialetais que regem o desenvolvimento de escolares típicos. A particularidade do sujeito com TEA reside na literalidade com que processa o input linguístico de seu entorno, evidenciando uma organização fonológica mental fidedigna à realidade acústica e estatística da fala real, sem a mediação dos filtros sociais de prestígio que comumente orientam o monitoramento ortográfico.

Diante disso, a contraparte pedagógica deste estudo impõe revisão nas práticas de alfabetização e no direcionamento de propostas de ensino voltadas para a neurodiversidade, integrando a sensibilidade à variação linguística no ambiente escolar (Boertoni-Ricardo, 2025). As manifestações gráficas divergentes observadas na escrita dessas crianças não devem ser interpretadas pelo corpo docente como patologias ou falhas de competência, mas como valioso instrumento diagnóstico que expõe tensões naturais entre sistema oral e sistema escrito, de acordo com as reflexões sobre ensino e saúde propostas por Mollica (2016). Como sugestão para a prática pedagógica inclusiva, a intervenção didática não pode se limitar à mera cobrança de regras abstratas de adequação social ou à memorização mecânica da norma culta. É fundamental que o ensino formal promova o desenvolvimento sistemático da consciência sociolinguística e da consciência fonológica, oferecendo ao aluno no espectro suportes visuais explícitos e pistas multissensoriais estáveis que o auxiliem a ancorar a rota lexical e a compreender a arbitrariedade da convenção ortográfica.

As evidências observadas ao longo da pesquisa demonstram que os processos de alfabetização em sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são marcados por heterogeneidade e dependem da interação entre fatores fonológico-fonéticos, sintáticos, perceptuais e sociocomunicativos. Como apontam Rosa, Pina e Santana (2026), o desenvolvimento da escrita nesses sujeitos relaciona-se aos diferentes

graus de oralidade e às especificidades do processamento linguístico, reforçando o caráter multifatorial desse processo.

Os resultados reforçam a necessidade de ampliação de pesquisas sobre linguagem escrita em sujeitos TEA, especialmente no que se refere à relação entre oralidade, percepção fonológica e representação gráfica. Embora estudos de revisão e intervenção em leitura no autismo já apontem a relevância de estratégias mediadas e adaptadas (Nunes; Walter, 2016; Walter; Nunes, 2020), a literatura ainda indica lacunas importantes na investigação de processos específicos da escrita, sobretudo em contextos que envolvem estruturas fonológicas complexas, graus distintos de oralidade e fatores pragmáticos e interacionais (Ney; Hübner, 2022b).

Nesse contexto, a articulação entre Linguística e Fonoaudiologia Educacional mostra-se fundamental para a compreensão de mecanismos envolvidos na alfabetização de sujeitos TEA [+/- verbais]. A análise da representação dos travadores silábicos em posição de coda evidencia que dificuldades e facilidades na escrita não decorrem apenas de aspectos segmentais, mas também de fatores relacionados a processamento linguístico mais amplo, incluindo organização sintática, dinâmica da oralidade e funcionamento discursivo-interacional.

Assim, vale salientar que tanto os dados analisados, quanto a literatura indicam lacunas importantes na área, sobretudo no que se refere a estudos voltados para processos específicos da escrita. Torna-se, portanto, necessária a ampliação de pesquisas que considerem, de forma integrada, percepção fonológica, sintaxe e dinâmica interacional, contribuindo para descrições mais precisas e para práticas educacionais mais eficazes (Mousinho, 2010).

É urgente consolidar a articulação interdisciplinar entre Linguística, Pedagogia e Fonoaudiologia Educacional, estruturando um ambiente escolar de acolhimento às singularidades do neurodesenvolvimento. Ao desatar o nó górdio que envolve a percepção e a grafia na atipicidade, este estudo reafirma que o estudante com TEA é plenamente capaz de se apropriar da cultura letrada e de transitar com autonomia entre os domínios da oralidade e da escrita, desde que as estratégias de ensino reconheçam e valorizem a lógica interna de sua própria cognição linguística.

Note-se que os dados considerados neste estudo apontam para correlação pertinente entre distintos níveis de percepção fonológica e dificuldades ou facilidades

apresentadas por sujeitos TEA [+/- verbais] na representação dos segmentos analisados na escrita. Tal correlação sugere que a apropriação da escrita não se dá de maneira homogênea, mas reflete graus diferenciados de sensibilidade às propriedades fonético-fonológicas da língua.

As experiências desde a infância de atividades como leitura de livros e brincadeiras que envolvem a linguagem escrita contribuem significativamente para o desenvolvimento das habilidades referentes à fala e à escrita no TEA. Segundo Chacon (2022), o ensino da ortografia no processo de alfabetização não deve seguir um modelo único e rígido, mas considerar as necessidades e características observadas na escrita das crianças em seus diferentes contextos de aprendizagem. Nesse sentido, torna-se fundamental que o professor possua formação linguística que possibilite identificar dificuldades específicas e desenvolver estratégias pedagógicas adequadas às demandas apresentadas em sala de aula. Além disso, a análise da escrita infantil deve levar em conta o contexto escolar, social e individual da criança, evitando interpretações precipitadas que possam associar dificuldades próprias do processo de aquisição da escrita a supostas patologias ou transtornos de aprendizagem.

Conforme reforça Mousinho (2010), a linguagem no TEA deve ser compreendida no nível pragmático e interacional, o que implica considerar que processos de escrita se relacionam aos modos de uso da linguagem em contexto. Essa perspectiva reforça a necessidade de investigações que integrem oralidade, fatores pragmáticos e organização linguística.

No âmbito da Fonoaudiologia Educacional, destaca-se também a contribuição de Stampa (2009), que enfatiza o papel da consciência fonológica e das habilidades auditivas no processo de aquisição da leitura e da escrita. A autora demonstra que a relação entre percepção linguística e codificação gráfica constitui elemento central para a alfabetização, especialmente no que se refere à discriminação e à representação de segmentos fonológicos. Tal perspectiva dialoga diretamente com os resultados deste estudo, ao evidenciar que a representação de travadores silábicos em posição de coda depende não apenas do domínio do sistema ortográfico, mas também de níveis diferenciados de percepção e processamento fonológico.

REFERÊNCIAS

- BARON-COHEN, Simon. **Autismo e Teoria da Mente: uma introdução**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2017.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2025.
- BRESCANCINI, C. A variação da fricativa palatal e o papel da percepção. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; FARIAS, Vilma Viana. **Variação e Mudança no Português do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- CHACON, Lourenço. Quatro questões sobre erro ortográfico na escrita infantil. In: FARIA, Evangelina; SILVA, Wagner Rodrigues (org.). **Alfabetizações**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 183-196.
- DA HORA, D. (org.). **Fenômenos linguísticos em comunidades de fala paraibanas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2004.
- GREGÓRIO, G. M. S. **Um estudo sobre a variação da coda (s) com falantes da Baixada Fluminense - RJ**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2026.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MOLLICA, Maria Cecília. **Da fala coloquial à escrita formal**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.
- MOLLICA, Maria Cecilia. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOUSINHO, Renata. O falante inocente: linguagem pragmática e habilidades

sociais no autismo de alto desempenho. **Revista Psicopedagogia**, v. 27, n. 83, p. 208–215, 2010.

MOUSINHO, Renata; SCHMID, Erika. **Letramento e Neurociência: caminhos para a inclusão**. Rio de Janeiro: Instituto Novo Saber, 2022.

NEY, Thais; HUBNER, Lilian Cristine. Processamento da Linguagem no TEA.

Revista de Linguística Aplicada, v. 22, n. 1, 2022.

NEY, Thaís; HÜBNER, Lilian Cristine. Oral and written language in autism: theoretical and pedagogical perspectives. **The ESpecialist**, v. 43, n. 2, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2022v43i2a2.

NUNES, Débora Regina de Paula; WALTER, Elizabeth Cynthia. Processos de leitura em educandos com autismo: um estudo de revisão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 4, p. 619–632, 2016. DOI: 10.1590/S1413-65382216000400011.

PEDRO, Luana. **Travadores silábicos na escrita de falantes com atipicidade**.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2025.

ROSA, Lucineide de Araújo; PINA, Márcio Roberto Almeida; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A linguagem escrita de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão de literatura. **Revista Psicopedagogia**, v. 43, n. 130, p. 172–184, 2026. DOI: 10.51207/2179-4057.20260021.

STAMPA, Mariângela. **Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

TAGER-FLUSBERG, Helen. Language and Communication in Autism. **American Journal of Speech-Language Pathology**, v. 32, 2023.

WALTER, Elizabeth Cynthia; NUNES, Débora Regina de Paula. Avaliação da eficácia de um programa de compreensão da leitura oral dialógica por criança com autismo. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 22, n. 1, p. 27–49, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i1.8655410.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Sobre as autoras**Maria Cecília de Magalhães Mollica**

Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Titular em Linguística e pesquisadora Pq-Senior do CNPq. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Pós-doutora na UnB. Orienta Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado e Iniciação Científica. Foi Bolsista Nota 10 da FAPERJ, Diretora da Faculdade de Letras/ UFRJ, Diretora do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL/UFRJ). Desenvolve estudos teóricos e descritivos em Sociolinguística, com foco em Variação e Mudança linguística e em interfaces com as áreas da Saúde, Educação e Ciência da Informação. Investe em pesquisa aplicada ao ensino, considerando o Português L1, como língua alvo e como língua de partida.

Luana da Conceição Pedro

Fonoaudióloga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Linguística pela mesma instituição. Atua na interface entre Fonoaudiologia e Linguística, com interesse nos estudos da linguagem, fala e comunicação. Possui experiência em pesquisa e prática clínica, com foco na relação entre variação linguística, desenvolvimento da linguagem e processos terapêuticos.